

## Uma história de leituras para a formação de professoras e professores paranaenses (1900-1980)

### Resumo

Este trabalho apresenta a pesquisa sobre os livros que constituem uma literatura pedagógica utilizada nos processos de formação de professoras e professores no Estado do Paraná, entre os anos de 1900 a 1980. Nesta perspectiva, levando-se em conta a escrita, produção e circulação de livros, a análise incide sobre as obras produzidas por intelectuais paranaenses (professores-autores), à medida que os seus ideais, suas ideias e suas trajetórias oferecem oportunidades para refletir sobre a formação de professores em curso, ao longo do século XX, no Paraná. Como também são apresentadas as obras editadas pela Companhia Editora Nacional, pertencentes à Coleção Atualidades Pedagógicas, no âmbito do projeto editorial denominado Biblioteca Pedagógica Brasileira, encontradas na Biblioteca do Instituto de Educação do Paraná Professor Erasmo Pilotto. Em termos metodológicos, busca-se compreender as relações entre as obras e seus contextos de produção, considerando a materialidade desses objetos culturais e pedagógicos. Conclui-se, com as análises realizadas, que os livros destinados às professoras e professores são artefatos importantes porque tornaram-se representações em um determinado período e contexto e proporcionam compreender uma rede de significados produzidos em relação à sociedade, à época e à educação, além de contribuir para a memória educacional existente na cultura da formação docente.

**Palavras-chave:** livros escolares; formação de professores no Paraná; literatura pedagógica; coleção atualidades pedagógicas.

**Roberlayne de Oliveira Borges Roballo**

Universidade Federal do Paraná –  
UFPR – Curitiba/PR – Brasil  
roberlayneroballo@hotmail.com

### Para citar este artigo:

ROBALLO, Roberlayne de Oliveira Borges Uma história de leituras para a formação de professoras e professores paranaenses (1900-1980). *Revista Linhas*. Florianópolis, v. 23, n. 53, p. 161-185, set./dez. 2022.

**DOI:** 10.5965/1984723823532022161

<http://dx.doi.org/10.5965/1984723823532022161>

## A history of readings for the training of Paraná teachers (1900-1980)

### Abstract

This paper presents the research on the books that constitute pedagogical literature used in the processes of teacher-training in the state of Paraná, between the years 1900 and 1980. In this perspective, considering the writing, production and circulation of books, the analysis focuses on the works produced by intellectuals from Paraná (teacher-authors), as their ideals, ideas and their trajectories offer opportunities to reflect on the ongoing teacher education, throughout the 20th century, in Paraná. We also present the works published by the Companhia Editora Nacional, belonging to the Collection Atualidades Pedagógicas, within the scope of the editorial project called Biblioteca Pedagógica Brasileira, found in the Library of the Instituto de Educação do Paraná Professor Erasmo Pilotto. In methodological terms, it is sought to understand the relationships between the works and their contexts of production, considering the materiality of these cultural and pedagogical objects. It is concluded, with the analyses performed, that the books for teachers are important artifacts because they became representations in a certain period and context and provide understanding of a network of meanings produced in relation to society, to the time and to education, in addition to contributing to the educational memory existing in the culture of teacher training.

**Keywords:** textbooks; teacher training in Paraná; pedagogical literature; collection atualidades pedagógicas.

## Historia de las lecturas para la formación de profesores de Paraná (1900-1980)

### Resumen

Este trabajo presenta la investigación sobre los libros que constituyen la literatura pedagógica utilizada en los procesos de formación de maestros en el estado de Paraná, entre los años 1900 y 1980. En esta perspectiva, teniendo en cuenta la escritura, la producción y la circulación de libros, el análisis se centra en las obras producidas por intelectuales paranaenses (maestros-autores), ya que sus ideales, ideas y sus trayectorias ofrecen oportunidades para reflexionar sobre la formación docente en curso a lo largo del siglo XX en Paraná. Además, se presentan las obras publicadas por la Companhia Editora Nacional, pertenecientes a la Colección Atualidades Pedagógicas, dentro del proyecto editorial denominado Biblioteca Pedagógica Brasileira, que se encuentra en la Biblioteca del Instituto de Educación de Paraná Professor Erasmo Pilotto. Desde el punto de vista metodológico, buscamos comprender las relaciones entre las obras y sus contextos de producción, considerando la materialidad de estos objetos culturales y pedagógicos. Se concluye, con los análisis realizados, que los libros para maestros son artefactos importantes porque se convirtieron en representaciones en una época y contexto determinados y proporcionan la comprensión de una red de significados producidos en relación con la sociedad, con la época y con la educación, además de contribuir a la memoria educativa existente en la cultura de la formación de maestros.

**Palabras clave:** libros de texto; formación de profesores en Paraná; literatura pedagógica; colección atualidades pedagógicas.

## Introdução

[...] por circular facilmente de mão em mão, por poder ser copiado e multiplicado à vontade, [o livro] é o instrumento mais simples que, a partir de um dado ponto, é capaz de liberar toda uma série de sons, imagens, sentimentos, idéias [sic] e elementos de informação, abrindo-lhes as portas do tempo e do espaço.  
(ESCARPIT, 1976, p. 4-5)<sup>1</sup>

Em *A Revolução do livro*, Escarpit (1976, p. 4-5) descreve que o livro não apenas transcendeu o tempo, mas conquistou o espaço. A escrita permitiu ao poeta, por exemplo, dirigir-se ao espaço e à posteridade, mas graças ao livro ele pôde “dirigir-se à humanidade” (1976, p. 4). Símbolo ativo, o livro tem passado por transformações, deixando de ser copiado à mão pelo *milagre* da reprodução impressa. Explica Chartier (1999a, p. 7), que se um texto só era reproduzido se copiado à mão em 1450, com a nova técnica baseada nos “tipos móveis e na prensa”, o processo de sua produção ampliaria sua distribuição e usos, mudando significativamente a relação com a cultura escrita.

Tornando-se um objeto materialmente produzido, o livro passou a se inserir numa cadeia complexa de produção, envolvendo: produção, impressão, divulgação, distribuição e circulação, autor e leitor. Assim sendo, segundo Chartier (2001), dois mundos passam a se encontrar: de um lado o do saber, da escrita, do intercâmbio intelectual, da ética letrada; do outro lado, o mundo das oficinas tipográficas, que é o do dinheiro, da concorrência, dos operários e das técnicas que transformam um manuscrito em objeto impresso.

Neste encontro dos dois mundos, o livro tornou-se um artefato que, desde a época da cultura manuscrita e em continuidade na cultura do impresso (que se impôs lentamente), passou a possibilitar uma *multiplicidade de leituras*, sempre visando instaurar uma ordem: a “ordem de sua decifração, a ordem no interior da qual ele deve ser compreendido ou, ainda, a ordem desejada pela autoridade que o encomendou ou permitiu sua publicação.” (CHARTIER, 1999b, p. 8). E, é neste cenário de transformações,

<sup>1</sup> Robert Escarpit (1918-2000) foi professor da Faculdade de Letras e Ciências Humanas de Bordeaux, diretor do Instituto de Literatura e Técnicas Artísticas de Massa e autor do original francês *La révolution du livre* [A revolução do livro], publicado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura em 1965. A obra foi publicada no Brasil com o título *A revolução do livro*, em 1976, pela Fundação Getúlio Vargas.

acomodações e ordenamentos, que o livro passou a adentrar as escolas, sugerindo uma nova forma de relação – *a escolar*.

No Brasil, o livro escolar<sup>2</sup> se tornou o texto impresso de maior circulação a partir da segunda metade do século XIX, sendo que sua utilização tem sido há muito tempo inevitável em todas as etapas de escolarização, como “cartilha” para os processos de alfabetização e “manual” para a profissionalização adulta (LAJOLO; ZILBERMAN, 1996, p. 121). No início da república no país (na década de 1890) há um grande desenvolvimento da indústria gráfica, sendo que várias tipografias e litografias dedicavam-se à impressão de periódicos e de impressos comerciais (RAZZINI, 2005, p. 105). E, no início do século XX, dois terços da produção editorial brasileira passa a ser destinada à produção de livros escolares, sendo a Editora Francisco Alves (fundada em 1854) o principal espaço editorial a publicar estes livros nas cinco primeiras décadas do século XX, seguida pela Editora Melhoramentos (1915) e pela Companhia Editora Nacional (1925) (HALLEWELL, 1985).

A partir das décadas de 1920 e 1930, a crescente utilização de livros escolares acompanharia a reorganização da instrução pública nos Estados brasileiros. Neste cenário, as editoras comerciais passariam a investir em literatura educacional, abrindo frentes de produção de livros como os voltados para “o currículo específico de formação profissional do professorado.” (TOLEDO, 2001, p. 52).

É importante ressaltar que, em 1920, as teorias pedagógicas consideradas progressistas no meio educacional, formuladas por americanos e europeus, começam a fascinar os educadores brasileiros. Essas novas ideias passam a permear as reformas educacionais promovidas, e em 1930, sob um contexto de reformas, as reformulações curriculares ocorridas nos cursos de formação de professores provocariam mudanças no campo editorial brasileiro. Nas décadas seguintes, os livros escolares se tornariam importantes instrumentos para a modelagem das práticas pedagógicas e dos discursos dos mestres e futuras professoras e professores.

Destarte, para reconstituir uma história de leituras para professoras e professores no Paraná, faz-se necessário compreender a materialidade dos livros, observando os

---

<sup>2</sup> Os termos livro escolar e/ou manual escolar, usados neste trabalho, possuem o mesmo sentido de “livro ou impresso empregado pela escola, para o desenvolvimento de um processo de ensino ou de formação” (BATISTA, 2009, p. 65).

aspectos daquilo que se considerava *melhor e permanente*, deixando transparecer as intenções que antecedem a decisão editorial e o trabalho gráfico. Materialidade<sup>3</sup> e imaterialidade são inseparáveis para compor a análise de livros, pois a pesquisa histórica não deve se limitar à descrição dos objetos, mas se debruçar em compreender também os seus intentos e sua realidade social. Lembrando que a história dos livros, inserida na História Cultural, compõe uma diversidade material importante para a História da Educação, pelo vínculo estabelecido com as diferentes e novas formas do *fazer escolar*.

Este trabalho, portanto, apresenta a pesquisa sobre os livros que constituem uma literatura pedagógica utilizada para subsidiar os processos de formação de professoras e professores no Estado do Paraná, entre os anos de 1900 a 1980. Nesta perspectiva, levando-se em conta a produção e circulação de livros, a análise incide sobre as obras produzidas por intelectuais que intercederam direta e indiretamente nos projetos e nas práticas formativas ao longo do século XX no Paraná, como também as obras editadas pela Companhia Editora Nacional (uma das maiores a produzir livros escolares), pertencentes à Coleção Atualidades Pedagógicas (CAP), no âmbito do projeto editorial denominado Biblioteca Pedagógica Brasileira (BPB), dirigido por Fernando de Azevedo de 1931 a 1945, e por Damasco Penna, de 1946 a 1978.

É importante observar que a escolha da CAP ocorre por ser uma das maiores coleções a publicar títulos brasileiros e estrangeiros, títulos novos e reedições, para subsidiar os processos de formação de professores nas Escolas Normais em todo o país, assim como em nível superior, durante muitas décadas. E, com relação às obras produzidas no cenário paranaense, destacamos aquelas escritas pelos seguintes autores: Dario Vellozo (1869-1937), Lysímaco Ferreira da Costa (1883-1941), Raul Rodrigues Gomes (1889-1975), Annette Clotilde Portugal de Macedo (1894-1963), Erasmo Pilotto (1910-1992) e Eny Caldeira (1912-2002). Ressalta-se que a maioria dos autores citados tinham atuação nas Escolas Normais do Paraná, sendo que no ano de 1906, Lysímaco Ferreira da Costa ministraria as disciplinas de Física e Química, e Dario Vellozo, a disciplina de História Universal na Escola Normal, localizada em Curitiba. No período seguinte, da década de

---

<sup>3</sup> Sobre a materialidade, explica Daniel Roche que os objetos, “[...] as relações físicas ou humanas que eles criam não podem se reduzir a uma simples materialidade, nem a simples instrumentos de comunicação ou de distinção social. Eles não pertencem apenas ao porão ou ao sótão, ou então simultaneamente aos dois, e devemos recolocá-los em redes de abstração e sensibilidade essenciais à compreensão dos fatos sociais.” (2000, p. 13).

vinte ao final da década de quarenta, o movimento reformista se ampliou e dentre os episódios mais significativos está a reforma da Escola Normal, promovida por Prieto Martinez e Lysímaco Ferreira da Costa, tal qual a atuação de Erasmo Pilotto e Eny Caldeira como professores nesse contexto de mudanças.

Com este estudo buscou-se envolver, em sentido amplo, a história dos livros destinados a subsidiar as professoras e professores e, em sentido *stricto*, a importância da criação, circulação e permanência dessas obras nos espaços destinados à formação docente paranaense. Mediante esses aspectos, na composição de uma literatura pedagógica que repertoriava as leituras das professoras e professores, observa-se sua relação com o social, ou seja, um conjunto de posicionamentos elaborados que visavam orientar, condensar e simbolizar aquilo que se acreditava ser necessário para a educação e formação do professorado.

## 1. Apontamentos sobre a história dos livros para a formação de professores no Brasil

Na história das leituras para as professoras e professores é notável a produção e circulação de livros destinados a subsidiar os cursos de formação docente e as aulas dos mestres. Em vista disso, destacam-se as reformas de ensino, que ainda durante os últimos anos do Império, como a Reforma do ministro João Alfredo no Município da Corte em 1872<sup>4</sup>, anunciavam uma classificação de grupos de livros destinados aos professores: 1º) os livros destinados à formação dos professores e mestres, referindo-se as obras das ciências pedagógicas; 2º) os destinados aos alunos; e 3º) as obras administrativas destinadas aos funcionários da instrução pública (BITTENCOURT, 2008, p. 29). Os livros usados pelos professores nessa proposta de reforma foram pensados em dois níveis, sendo o primeiro composto por obras de autores consagrados, sobretudo as obras religiosas:

---

<sup>4</sup> As últimas décadas do Império e as primeiras da República no Brasil são marcadas por debates e iniciativas no âmbito da instrução pública, que acompanhariam o movimento realizado em vários países a favor da difusão da educação popular, concretizada por meio da intervenção do Estado na educação, da criação da escola primária de ensino obrigatório para as classes populares e da organização dos Sistemas Nacionais de Ensino.

Os professores faziam ditados e os alunos copiariam trechos ou ouviriam as preleções em sala de aula. Tal era o método imaginado para as primeiras décadas do século XIX. As propostas de produção de livros escolares concentraram-se, primordialmente, na elaboração de textos didáticos para uso exclusivo dos professores, dando-se preferência às traduções. (BITTENCOURT, 2008, p. 29)

O outro tipo de livro destinado aos professores surgiu com a criação das Escolas Normais implantadas no século XIX<sup>5</sup>. A institucionalização dessas escolas passou a promover, gradativamente, a elaboração de um currículo voltado para os conhecimentos pedagógicos e, conseqüentemente, para a abertura de um mercado editorial voltado à formação docente.

Descreve Bittencourt (2008, p. 168) que as Escolas Normais foram criadas de maneira esparsa, caracterizando-se por um funcionamento descontínuo, devido a escassos recursos orçamentários. Após 1870, segundo Tanuri (2005, p. 64), “se consolidam as idéias [sic] liberais de democratização e obrigatoriedade da instrução primária, bem como de liberdade de ensino.” Ideias advindas da instauração da República, que se tornou grande responsável pela expansão de várias editoras especializadas em livros escolares.

No contexto republicano, em que se vai tomando corpo uma significativa trajetória de *saberes* para a formação de professoras e professores, se evidencia a mudança do magistério primário em atividade preferencialmente feminina, como também em projetos de instalação de bibliotecas pedagógicas nas Escolas Normais, com obras escolhidas a fim de colocar os professores “a par do movimento científico das matérias que formam objeto do seu magistério” (BITTENCOURT, 2008, p. 93), expressando a expansão do uso de livros para subsidiar as disciplinas. A Escola Normal de São Paulo, por exemplo, possuía um acervo em sua biblioteca de manuais científicos produzidos pela cultura europeia:

[...] G. Compayré, *Psychologie appliquée à l'éducation*; Jules Steeg, *L'honnêtê home e Cours de morale theorique e pratique*; Augusto Comte, *Traité d'astronomie populaire*; Charles Briot, *Elements d'astronomie*; Charles Seignobos, *Histoire de la civilization dans l'antique e Histoire de la civilization au moyen-age et dans le temps moderns*;

---

<sup>5</sup> Entre 1835 e 1846 (período do Império) foram criadas Escolas Normais no Rio de Janeiro, Bahia, Pará Ceará e São Paulo.

Gaston Bornier, Anatomie e Physiologie animales; Claude Bernard, Physiologie operatoire; Leroy Beau Lieu, Precis d'economie politique; J. Langlebert, Histoire naturelle; P. Gervais, Elements de zoologie. (MONARCHA, 1999, p. 206)

Essas obras demonstram que a organização da Escola Normal, entre o final do século XIX e primeiros anos do século XX, advinha de um curso de formação de professores de base teórica, ganhando características de curso secundário profissional, como descreve Monarcha (1999).

Com as mudanças que passam a se efetivar na organização das Escolas Normais, a partir de 1910, a literatura educacional voltada à formação de professores no Brasil começou timidamente a *abrir suas portas* para a produção editorial de vários países da Europa e América. E, em 1912, concretizam-se modificações na organização dos currículos das Escolas Normais secundárias, destacando-se a parte pedagógica. O núcleo de estudos pedagógicos passou a ser institucionalizado da seguinte forma: duas cadeiras de Psicologia experimental, Pedagogia e Educação Cívica, uma cadeira de Métodos e processos de ensino, Crítica pedagógica e Exercícios de ensino. Assim, observa-se que o aprimoramento e a especialização da parte pedagógica, como também a introdução da Pedagogia nos currículos das Escolas Normais, estabeleceu os fundamentos doutrinários de métodos e processos de ensino para a formação de professores (MONARCHA, 1999, p. 258).

Nas reformas organizadas por Francisco Campos e Mário Casassanta, em Minas Gerais, à luz do pensamento do movimento pela Escola Nova<sup>6</sup>, o ensino nas Escolas Normais é reorganizado, bem como seus currículos e programas de ensino. Outra importante reforma foi a do antigo Distrito Federal, elaborada por Fernando de Azevedo, em 1927. Essas reformas organizadas pelos *pioneiros do movimento* – Anísio Teixeira, Francisco Campos e Mário Casassanta e Fernando de Azevedo – apontam para a preocupação em renovar o currículo e modernizar os métodos de ensino, entre outras preocupações.

---

<sup>6</sup> É necessário evitar uma visão do Movimento pela Escola Nova de maneira maniqueísta (católicos contra liberais), episódica (pioneiros) e/ou homogeneizadora (escolanovista). Nesse sentido, ao utilizar a expressão *Movimento pela Escola Nova* nos referirmos, em sentido amplo, ao movimento cultural que a partir da década de vinte do século passado no Brasil mobilizou um conjunto significativo de intelectuais brasileiros em torno de um projeto que, nas palavras de Lourenço Filho, visava a organização nacional através da organização da cultura.



Nesse contexto, as reformas curriculares<sup>7</sup> foram para além das decisões políticas, promovidas nas escolas de formação de professores principalmente por meio dos manuais escolares. Como ressalta Bittencourt (2008), os programas curriculares e os livros didáticos foram sendo produzidos concomitantemente, numa espécie de auxílio mútuo, na elaboração de conteúdos das diversas disciplinas a serem transmitidas na educação formal.

Anísio Teixeira, ao assumir o cargo de Diretor Geral da Instrução Pública do Distrito Federal, respondeu às reivindicações da Associação Brasileira de Educação (ABE) após a Revolução de 1930<sup>8</sup>. Logo, Teixeira impulsionou a criação de bibliotecas. Criou em 1932 a Biblioteca Central de Educação, em 1934 a Biblioteca Infantil, e ampliou o acervo da biblioteca da antiga Escola Normal. Contudo, foi na administração da Instrução Pública do Distrito Federal, exercida por Fernando de Azevedo anteriormente, que se propôs a reorganização das bibliotecas escolares. A partir de 1928, cada escola passou a ser obrigada a manter uma biblioteca para alunos e outra para professores.

Nessa perspectiva, possivelmente a reorganização de bibliotecas nas Escolas Normais e a ampliação de seus acervos podem ser creditadas a essa nova (diferente) forma de se pensar os modelos educacionais. Na composição de novas estratégias anunciadas pelos precursores da Escola Nova, o livro escolar se configurou como um instrumento de ensino, “um instrumento de trabalho da escola, como enfatizou o próprio Fernando de Azevedo” (VIDAL, 2000, p. 343).

Uma nova relação com o livro escolar se intensifica, afinando-se as novas inquietações da Educação Nova. Assim, o cuidado com a produção de livros tornou-se um fator preponderante. Enfatiza Vidal (2000) que uma das iniciativas tomadas nesse campo foi a de Almeida Junior, responsável por uma comissão de revisão do manual didático, na

---

<sup>7</sup> Diversas reformas da escola primária e da escola normal foram realizadas no país, como: São Paulo em 1920 e 1930; Ceará em 1923; Bahia em 1925; Minas Gerais em 1927; Distrito Federal em 1928; Pernambuco em 1929; Paraná em 1920 e 1928.

<sup>8</sup> Mota (1978, p. 28) destaca que a Revolução de 1930, “se não foi suficientemente longa para romper com as formas de organização social, ao menos abalou as linhas de interpretação da realidade brasileira – já arranhadas pela intelectualidade que emergia em 1922 [...]”. Em 1930, Francisco Campos, então ministro da Educação e Saúde Pública, tem como principal preocupação a elaboração de decretos (que passam a ser conhecidos como “Reforma Francisco Campos”) para as reformas do ensino secundário, comercial e superior. Gustavo Capanema, como ministro da Educação (1934-1945), presidiu a reforma institucional do sistema de ensino.

qual teve a colaboração do professor Damasco Penna (futuro diretor da CAP, após a saída de Fernando de Azevedo). As comissões de revisão de livros tinham a função de controlar a entrada dos materiais impressos nas escolas devido ao aumento significativo de publicações destinadas aos futuros professores após 1930.

Após 1933, por exemplo, houve um crescimento significativo do acervo da Biblioteca do Instituto de Educação do Rio de Janeiro. Obras relacionadas à Psicologia, Biologia, Filosofia e Literatura Infantil passaram a ocupar um lugar privilegiado, como também um acréscimo de 86 títulos, 6% do acervo, referente aos estudos da Escola Nova (VIDAL, 2000).

A crescente produção nacional de livros para a formação de professoras e professores está relacionada a alguns fatores, como à consolidação do setor editorial no país, à construção de uma literatura pedagógica nacional e à progressiva expansão das Escolas Normais, como lembra Silva (2008). Dessa maneira, a circulação de livros para subsidiar os cursos de formação docente acompanharia as mudanças que se intensificaram no cenário educacional brasileiro: de uma escola que gradativamente tornou-se graduada e de uma escola que, a partir de 1930, passou a necessitar de futuros professores e professoras com formação profissional e instrumental.

## 2. Os livros produzidos por *professores-autores* para subsidiar o professorado paranaense

No início do século XX, as escolas paranaenses se concentravam na capital, Curitiba, e na cidade portuária de Paranaguá. Mesmo estando mais concentradas nesses polos, de forma esparsa se distribuíam pelo estado e enfrentavam problemas em comum, dentre estes a falta de estabelecimentos adequados, profissionais qualificados e padrão de qualidade. O “Regulamento de 1895”<sup>9</sup> surge com o intuito de enfrentar essas problemáticas, e dentre as ações propostas estava a criação de uma “Escola Modelo”, em 1906, que serviria de exemplo para as demais escolas do estado.

---

<sup>9</sup> “Em 1895, [o] novo Regulamento alterava a divisão do ensino nas escolas primárias, restabelecendo o 1º e o 2º graus e criando o ensino misto. A divisão em graus obedecia ao critério de cidades para o funcionamento de escolas de 1º e 2º graus e de vilas, povoados, bairros e colônias para as escolas de ensino misto, cujo número de alunos não comportava a criação dos dois graus. (PR. Decreto nº 35/1895)” (OLIVEIRA, 2006, p. 06).

Em 1903, seguindo as mudanças nacionais, surgem os grupos escolares na capital, oferecendo um maior nível de escolarização aos paranaenses. Com isso, se difundem as Escolas Normais pelo estado, sanando demandas por maior escolarização e por profissionais qualificados. Em 1912 também é inaugurada a Universidade do Paraná, que se ampliaria e seria federalizada em meados da década de 1950, como uma instituição de prestígio: a Universidade Federal do Paraná.

Nesse cenário, em que se ampliam os espaços escolares, a Escola Normal de Curitiba<sup>10</sup>, fundada em 1876, passaria a ter sede própria em 1922, mediante reformas de ensino. Nesse cenário de reorganização da Escola Normal, é importante ressaltar a atuação de Lysímaco Ferreira da Costa<sup>11</sup> que assina as “Bases Educativas para a organização da Nova Escola Normal Secundária do Paraná”, em 1923, traçando normas de organização da Escola Normal Secundária e estabelecendo a divisão do Curso Normal em Geral e Especial. Com relação ao Curso Geral, que a princípio teria duração de três anos, o professor Lysímaco relata que a cultura geral quanto mais completa fosse, mais erudito tornaria o professor primário e mais apto para enfrentar o curso profissional e exercer suas funções na escola. E, para o Curso Especial ou Profissional, ficou estabelecido que as matérias fossem ministradas semestralmente, proporcionando ao futuro educador técnicas metodológicas, apoiadas na Pedagogia e noções de Psicologia da Educação (FERREIRA DA COSTA, 1923). Interessante destacar que as “Bases Educativas para a organização da Nova Escola Normal Secundária do Paraná” se encontram até hoje no acervo da Biblioteca do Instituto de Educação do Paraná Professor Erasmo Pilotto (BIEPPEP).

Durante os anos de 1920, as escolas de formação de professores experimentaram um processo de expansão com o Instituto de Educação de Paranaguá (1926), que atendia o litoral, e o Instituto de Educação de Ponta Grossa (1927), na região dos Campos Gerais. Nesse contexto de mudanças nas Escolas Normais, destacam-se Dario Vellozo (1869-

---

<sup>10</sup> O Instituto de Educação do Paraná teve diferentes denominações ao longo de sua trajetória histórica, como: em 1876 – Escola Normal; em 1923 – Escola Normal Secundária; em 1936 – Escola de Professores; em 1946 – Instituto de Educação do Paraná; em 1992 – Instituto de Educação Prof. Erasmo Pilotto; e, em 1993 – Instituto de Educação do Paraná Professor Erasmo Pilotto.

<sup>11</sup> Lysímaco Ferreira da Costa (1883-1941) nasceu em Curitiba, e além de empreender a reforma da Escola Normal, participou da campanha por uma educação popular que atendesse a todos os brasileiros no Ensino Primário; também organizou a primeira conferência nacional de educação de Curitiba, em 1927 (PADIAL, 2008).

1937), Lysímaco Ferreira da Costa (1883-1941), Raul Rodrigues Gomes (1889-1975), Annette Clotilde Portugal de Macedo (1894-1963), Erasmo Pilotto (1910-1992) e Eny Caldeira (1912-2002), devido às suas atuações nas Escolas Normais.

Em comum, entre esses intelectuais<sup>12</sup> – professores/professoras – de diferentes gerações, filiações ideológicas e pedagógicas, estava o desejo de modernizar o Estado e o país a partir de investimentos em educação. À luz dessa consideração, é possível observar um importante vínculo entre a história dos livros produzidos por esses *professores-autores* e a história da escola e da formação docente no Paraná. Ressalta-se que o termo *professores-autores* é utilizado devido à atuação desses intelectuais nas escolas normais, e sua dedicação também ao escrever e publicar obras para mestres e futuros professores e professoras.

Assim, ao serem realizadas pesquisas na Biblioteca Pública do Paraná (criada em 1857) e na Biblioteca do Instituto de Educação do Paraná Erasmo Pilotto (BIEPPEP), constatou-se a presença de variadas obras desses *professores-autores*, que passam a compor uma literatura pedagógica, entre o período de 1900 a 1980, como é possível verificar no quadro 1 a seguir:

Quadro 1 – Livros produzidos para subsidiar os processos de formação de professores no estado do Paraná: 1900-1980<sup>13</sup>

Período	Autor	Ano 1ª Edição	Obra
1900	Vellozo, Dario.	1907	Compêndio de Pedagogia
1920	Ferreira da Costa, Lysímaco.	1923	Bases Educativas para Organização da Nova Escola Normal Secundária do Paraná
	Gomes, Raul.	1928	Missão, e não profissão
1940	Pilotto, Erasmo.	1940	Oração do Paraninfo
		1949	Reorganização do Ensino Secundário

<sup>12</sup> Carlos Eduardo Vieira explora, em seu artigo intitulado “Intelligentsia e intelectuais: sentidos, conceitos e possibilidades para a história intelectual” (2008), as concepções de intelectual apresentadas por Karl Mannheim, visto como mediador de conflitos sociais, por Antonio Gramsci, considerado como dirigente e organizador da cultura, e por Pierre Bourdieu, a quem coloca como agente privilegiado na produção de capital simbólico.

<sup>13</sup> Neste quadro, apontamos as obras localizadas nas duas bibliotecas pesquisadas (Biblioteca Pública do Paraná e na Biblioteca do Instituto de Educação do Paraná Professor Erasmo Pilotto), contudo, devido à pandemia de Covid-19, não foi possível ampliar a catalogação observando as reedições e outras obras dos autores elencados. Essa é uma primeira etapa da catalogação realizada, mas que já possibilita observar a circulação desses livros nos cursos de formação docente.

1950	Pilotto, Erasmo.	1952	A Educação é Direito de Todos
		1954	Temas de Educação de Nosso Tempo
		1954	A Educação no Paraná
		1958	Problemas Abertos no Estudo de Sistemas Escolares para o Brasil
		1959	Situações para o Desenvolvimento Brasileiro e a Educação
	Macedo, Annette.	1952	Felicidade Pela Educação
		1953	Crianças
1960	Pilotto, Erasmo.	1960	Direito à Educação
		1960	Prioridades Financeiras para o Ensino Financeiro
		1964	Organização e Metodologia do Ensino na 1ª Série Primária
		1965	Graal
		1966	Problemas em Educação
		1967	Que se exalte em cada Mestre um Sonho
	Caldeira, Eny.	1966	Ensino Normal do Paraná
1970	Macedo, Annette.	1972	Os Meus
	Caldeira, Eny.	1974	Maria Montessori: Imagem da Criança e Modelos Educativos
	Pilotto, Erasmo.	1973	Obras 1
		1973	Que se exalte em cada Mestre um Sonho
		1976	Obras 2
1980	Caldeira, Eny.	1980	Modelo de Ensino/Pesquisa: Metodologia de Prática de Ensino
	Pilotto, Erasmo.	1980	Informe sobre o Treinamento de Mestres e Alfabetização
		1982	Apontamentos para uma Pedagogia Fundamental
		1984	Mestre de Meninos
		1985	Apontamentos para uma Pedagogia Fundamental
		1987	Que se exalte em cada Mestre um Sonho

Fonte: A autora (2022).

A partir da distribuição das obras no quadro 1, é importante destacar em 1907 a publicação da obra “Compêndio de Pedagogia”, de Dario Vellozo. Esse livro, adotado oficialmente pelo Estado, tinha como escopo a formação de professores. Dario Vellozo (1869-1937) nasceu no Rio de Janeiro, mas aos 16 anos se mudou para Curitiba, onde viveu até seu falecimento em 1937. Vellozo atuou desde 1899 como professor do Ginásio Paranaense na formação de normalistas, e durante esse período se dedicou à publicação

de livros escolares, como as obras “Licções de História” (1902) e o “Compêndio de Pedagogia” (1907) que, mesmo após sua morte em 1937, configurava o currículo das escolas normais paranaenses.

O autor da obra “Missão, e não profissão” (1928), Raul Rodrigues Gomes (1889-1975), natural de Piraquara, região metropolitana de Curitiba, foi aluno de mestres conhecidos da educação paranaense, como Sebastião Paraná, Dario Vellozo, Emiliano Pernetá, Álvaro Jorge e Euzébio da Mota. Da mesma forma que Dario Vellozo, Raul Gomes inicia suas publicações em 1908 em jornais pedagógicos. Gomes atuou como jornalista e professor do primário até o ensino superior, sendo signatário do Manifesto dos Pioneiros pela Educação Nova, em 1932. Em decorrência disso, a obra “Missão, e não profissão” foi um livro de grande relevância para a classe professoral, segundo Brandalise (2016, p. 89), reunindo 29 artigos que publicara durante a década de 1920 nos jornais O Dia, Diário da Tarde, Estado do Paraná e Comercio do Paraná.

Annette Clotilde Portugal Macedo (1894-1963) foi autora da obra “Felicidade pela Educação” (1952), que se tratava de uma coletânea de escritos da autora desde a sua entrada na Escola Normal, em 1912, até a sua aposentadoria, em 1950. Annette foi normalista e, em 1913, já formada professora, começou a dar aulas na Escola Retiro Saudoso, empreendendo a primeira Cooperativa Infantil do Paraná com o objetivo de suprir a falta de materiais do alunado e também de auxiliar as crianças cujas famílias eram de baixa renda. Em 1918, foi nomeada diretora do Grupo Escolar Rio Branco, onde iniciou uma nova cooperativa infantil após o encerramento das atividades da Escola Retiro Saudoso. Em 1924, começou a lecionar na Escola Intermediária, anexa à Escola Normal. Algum tempo depois, em 1927, escreveu o regimento, organizou e dirigiu a Escola Maternal da Sociedade Socorro aos Necessitados, que viria a ser um dos seus maiores empreendimentos. Em 1934, Annette retorna à Escola Normal, onde foi nomeada professora, vindo a lecionar diversas matérias. Foi também chefe de seção na Escola Normal, permanecendo como formadora de normalistas até a sua aposentadoria em 1950.

Dentre os autores pesquisados, há uma maior incidência da circulação das obras de Erasmo Pilotto e Eny Caldeira. Como é possível observar no quadro 1, as obras desses *professores-autores* começam a ser editadas e divulgadas a partir de 1940, finalizando no

período de 1980. O autor com o maior número de obras encontradas nas bibliotecas foi Erasmo Pilotto (1910-1992), que nasceu em Rebouças, no Paraná, e se formou normalista em 1927. Atuou na Escola Normal em Curitiba, entre os anos de 1933 e 1947. Fundou em 1943 o Instituto Pestalozzi, uma escola experimental, sendo um dos principais articuladores da Escola Nova no estado, e de 1949 a 1951 foi Secretário de Educação e Cultura. Na pedagogia Pilottiana, a arte teve um papel de destaque no processo de formação de professores. Pilotto deixou um vasto legado de publicações, tratando de temas educacionais, filosóficos, históricos e artísticos, como foi possível observar durante a pesquisa nas bibliotecas, destacando-se as edições e reimpressões de: “Que se exalte em cada mestre um sonho” (1967, 1973, 1977, 1987); e “Apontamentos para uma pedagogia fundamental” (1982, 1985).

E, por fim, destaca-se neste conjunto de *professores-autores* a professora Eny Caldeira (1912-2002), que nasceu em Prudentópolis, no Paraná, cursou a Escola Normal, e em 1935 iniciou sua atuação como professora primária. Em 1939, ingressou no curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná (FFCLP/PR), formando-se em 1941 (OSINSKI; SILVA, 2016, p. 118). Durante os anos de 1950 a 1952, estudou na Europa, sendo aluna de Maria Montessori e Jean Piaget. Atuou como professora normalista e como diretora do Instituto de Educação do Paraná entre 1952 e 1955, período em que foi importante na formação de espaços educacionais em Curitiba, como a Escola Experimental Maria Montessori e o Centro Juvenil de Artes Plásticas. Entre os anos de 1956 e 1960, desenvolveu trabalho como pesquisadora no Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), a convite de Anísio Teixeira.

E, entre 1965 e 1970, foi membro do Conselho Estadual de Educação do Paraná e uma das fundadoras do Grupo de Estudos Cognitivos Piaget no Paraná, atuando como professora na Universidade Federal do Paraná e também nos campos da Psicologia e Didática. Além das suas obras apresentarem considerações sobre Maria Montessori, Eny Caldeira escrevia artigos no Boletim da Secretaria de Educação, ressaltando os princípios da “pedagogia montessoriana, como o movimento, enquanto base da construção harmônica da personalidade humana, e sobre a necessidade da atividade motora para inteligência para se construir.” (CALDEIRA, 1952, *apud* SILVA, 2013, p. 90).

Destarte, os intelectuais priorizados nesta pesquisa possuem suas trajetórias marcadas por sua relação com a formação docente, e as suas obras compõem uma literatura pedagógica que anunciava marcas culturais que vinculavam concepções pedagógicas, saberes e dimensões simbólicas.

### 3. A Coleção Atualidades Pedagógicas presente na formação do professorado paranaense

Fundada em 1925<sup>14</sup>, a Companhia Editora Nacional (CEN) tinha como uma das suas principais prioridades a produção de livros voltados à literatura educacional. A partir de 1930, frente a um mercado escolar em crescimento, a expansão da Editora não se deu apenas com a ampliação do interesse pelo livro nacional, mas também pela difusão do mercado para as mulheres. E, por meio da oferta de novos gêneros, passou a cingir um novo grupo – de futuras professoras (e seus professores) – que não consumia, até então, essa mercadoria.

Isso posto, uma das propostas de renovação que surgira na CEN seria a BPB idealizada por Fernando de Azevedo, em 1931. Além de fundar e dirigir a BPB, Azevedo também assumiu a direção de uma das coleções do projeto, a CAP, até 1945. Em 1946, o editor passou a ser João Baptista Damasco Penna, que atuou até 1978. Cumpre destacar que o fundo de edições da CEN, em 1939, se encontrava praticamente todo organizado na forma de coleções, que se definiam de acordo com o público que se pretendia atingir. Cada coleção da CEN ganhou um diretor especializado, que passou a acompanhar os movimentos do mercado e a selecionar os “manuscritos adequados e perceber, pelo conhecimento das práticas culturais em torno dos leitores visados, as novas possibilidades de expansão do livro naquela determinada fatia do mercado” (TOLEDO, 2001, p. 55). Por isso, ao convidar Fernando de Azevedo para dirigir a BPB, a Editora acabou por constituir sua identidade com as propostas de publicação do novo editor e, por conseguinte, uma imagem perante a clientela<sup>15</sup>.

---

<sup>14</sup> Monteiro Lobato fundou a CEN em parceria com Octalles Marcondes Ferreira e seus irmãos. Lobato permaneceu na CEN até 1929, vendendo suas ações para pagar dívidas. Com sua saída, Octalles Marcondes Ferreira viria a transformar a CEN em uma das maiores editoras do Brasil.

<sup>15</sup> Fernando de Azevedo foi um dos principais representantes do movimento educacional dos anos de 1930.



A BPB foi composta por cinco séries: 1 – Literatura Infantil; 2 – Livros Didáticos; 3 – Atualidades Pedagógicas (CAP); 4 – Iniciação Científica; 5 – Brasileira. Nessa composição, a CAP publicaria livros principalmente destinados à formação docente, tendo por objetivo aperfeiçoar cultural e profissionalmente as professoras e professores. A coleção permaneceria durante décadas no cenário editorial brasileiro, auxiliando os currículos de formação docente, bem como fazendo circular uma quantidade significativa de obras destinadas a atender essa demanda.

Consequentemente, escolheu-se para este estudo a CAP, por desempenhar importante papel na cultura, na história da leitura para professoras, na história do campo editorial, assim como na história dos processos e procedimentos pedagógicos. Sendo uma das coleções de maior prestígio, desde os anos de 1930 até os idos de 1980, a CAP lançaria 135 volumes com temáticas educacionais diversas, 89 autores e várias reedições. O primeiro volume da CAP foi “Novos Caminhos e Novos Fins”, de Fernando de Azevedo, publicado em 1931, e o último volume “A não diretividade”, de Lucien Brunelle, publicado em 1978.

Dos 135 volumes publicados pela CAP, foram localizadas 57 obras na Biblioteca do Instituto de Educação do Paraná Professor Erasmo Pilotto (BIEPPEP), totalizando expressivamente 42% dos livros da coleção presentes na biblioteca. Dessas obras, 14 são primeira e/ou segunda edição, publicadas durante a gestão de Fernando de Azevedo entre 1930 e 1939, conforme quadro 2.

Quadro 2 – Obras da CAP lançadas entre 1930-1940 localizadas na BIEPEP<sup>16</sup>

VOLUME	AUTOR	TÍTULO	ANO/ EDIÇÃO LOCALIZADA
1	Azevedo, Fernando de.	Novos Caminhos e Novos Fins	1934/ 2ª. ed.
2	Dewey, John.	Como pensamos	1933/ 1ª. ed.
7	Ramos, Arthur.	Educação e pychanalyse	1934/

E, segundo Toledo (2001), a escolha do nome de Azevedo, entre os educadores de projeção do período, talvez estivesse ligada ao fato deste ter relações próximas com Monteiro Lobato.

<sup>16</sup> Neste quadro são apresentadas as primeiras edições das obras da CAP presentes na BIEPPEP, publicadas durante a gestão de Fernando de Azevedo. Contudo, não localizamos os registros do período em que foram adquiridas. De qualquer forma, ao observar a circulação dessas obras na biblioteca do Instituto de Educação, é possível observar a construção de uma literatura pedagógica para a formação docente.

			1ª. ed.
11	Piéron, Henri.	Psicologia do comportamento	1935/ 1ª. ed.
12	Wallon, Henri.	Princípios de Psicologia Aplicada	1935/ 1ª. ed.
17	Carvalho, Delgado de.	Sociologia Aplicada	1935/ 1ª. ed.
20	Ricardo, Aristides.	Noções de Higiene escolar	1936/ 1ª. ed.
21	Dewey, John.	Democracia e Educação	1936/ 1ª. ed.
22	Azevedo, Fernando de.	A educação e seus problemas	1937/ 1ª. ed.
25	Roxo, Euclides.	A matemática na educação secundária	1937/ 1ª. ed.
28	Espinheiro, Ariosto.	Arte popular e educação	1938/ 1ª. ed.
30	Rudolfer, Noemy da Siveira.	Introdução à psicologia educacional	1938/ 1ª. ed.
31	Rodrigues, Milton C. da Silva.	Educação comparada	1938/ 1ª. ed.
34	Monroe, Paul.	História da Educação	1939/ 1ª. ed.

Fonte: A autora (2022).

A presença das primeiras edições das obras na BIEPPEP, indicadas no quadro 2, possibilita identificar um processo de *diversificação* de autores (nacionais e estrangeiros), e de estudos voltados à formação do professorado, propostas pelo editor Fernando de Azevedo. Dessa maneira, segundo Toledo (2001), entre os anos de 1931 a 1950 houve dois quadros distintos de campos de conhecimento privilegiados para compor a cultura pedagógica da CAP. Entre 1931 e 1939, ocorreu uma preocupação com a diversidade de abordagens da educação, sucedida de textos das classes de pedagogia, de psicologia e psicologia da educação, além de textos de didática (TOLEDO, 2001, p. 86). E, entre 1941 e 1950:

[...] há uma diminuição do leque de discussão, e as escolhas recaem sobre a política educacional; essa transforma-se na tônica dominante da Coleção. Apesar de títulos das classes de psicologia e psicologia da educação, de história da educação, de filosofia da educação, além da sociologia educacional serem pontualmente escalados, há uma insistência em oferecer política educacional aos leitores. Com isso, a coleção, entre estes anos, restringe os campos de conhecimento oferecidos ao leitor, inclusive promovendo o desaparecimento de algumas abordagens como administração, didática e pedagogia, sendo

que duas delas, pelo menos, de muita importância entre os anos de 1931 e 1939. (TOLEDO, 2001, p. 86)

Com relação às obras publicadas durante a gestão de Damasco Penna (1946-1978), foram localizadas na BIEPEP 30 primeiras e/ou segundas edições de obras voltadas à formação docente, que como afirma Toledo (2001) abrangiam temas variados, como é possível verificar no quadro 3, a seguir:

Quadro 3 – Obras da CAP lançadas entre 1946 -1967 localizadas na BIEPEP<sup>17</sup>

VOLUME	AUTOR	TÍTULO	ANO/ EDIÇÃO LOCALIZADA
53	Luzuriaga, Lorenzo	A pedagogia contemporânea	1951/ 1ª. ed.
55	Foulquié, Paul	As escolas novas	1952/ 1ª. ed.
56	Luzuriaga, Lorenzo	Pedagogia	1957/ 2ª. ed.
58	Mélinand, Camille	Noções de psicologia aplicada à educação	1954/ 1ª. ed.
59	Luzuriaga, Lorenzo	História da educação e da pedagogia	1955/ 1ª. ed.
61	Fleming, C. M.	Psicologia social da educação	1955/ 1ª. ed.
62	Cousinet, Roger	A formação do educador	1955/ 1ª. ed.
63	Fouché, André	A pedagogia das matemáticas	1947/ 1ª. ed.
64	Teixeira, Anísio	A educação e a crise brasileira	1956/ 1ª. ed.
66	Hubert, René	História da pedagogia	1957/ 1ª. ed.
67	Woodworth, Robert S. / Marquis, Donald G.	Psicologia	1958/ 1ª. ed.
68	Chagas, R. Valnir	Didática especial de línguas modernas	1957/ 1ª. ed.
69	Cousinet, Roger	A educação nova	1959/ 1ª. ed.
70	Garret, Henry E.	Grandes experimentos da psicologia	1960/ 1ª. ed.
71	Luzuriaga, Lorenzo	História da educação pública	1959/ 1ª. ed.

<sup>17</sup> Neste quadro, apontamos as primeiras edições das obras da CAP, contudo há na biblioteca a presença de outras edições de algumas destas obras também. Mas, priorizamos, assim como no quadro 2, as edições conforme os primeiros anos da sua publicação.

73	Mialaret, Gaston	Nova pedagogia científica	1959/ 1ª ed.
74	Foulquié, Paul / Deledalle, Gérard	A psicologia contemporânea	1960. 1ª. ed.
75	Leif, J. / Rustin, G.	Pedagogia geral	1960/ 1ª. ed.
77	Luzuriaga, Lorenzo	Pedagogia social e política	1960/ 1ª. ed.
78	Jersild, Athur T.	Psicologia da adolescência	1961/ 1ª. ed.
79	Hans, Nicholas	Educação comparada	1961. 1ª ed.
80	Ruiz, Santiago Hernández	Psicopedagogia do interesse	1960/ 1ª ed.
81	Guillaume, Paul	Psicologia da forma	1960/ 1ª. ed.
85	Ellis, Robert S.	Psicologia educacional	1964/ 1ª. ed.
86	Challaye, Félicien	Pequena história das grandes filosofias	1966/ 1ª. ed.
87	Bonow, Iva Waisberg e outras	Manual de Trabalhos Práticos de Psicologia Educacional	1966. 1ª. ed.
88	Debesse, Maurice	As fases da educação	1967/ 1ª. ed.
90	Blair, Glenn M. / Jones, Stewart / Simpson, Ray H.	Psicologia educacional	1967/ 1ª. ed.
91	Osterrieth, Paul A.	Fazer adultos	1967/ 1ª. ed.

Fonte: A autora (2022).

O que chama a atenção é que a partir de 1950, com Damasco Penna à frente da CAP, abriu-se uma frente diversificada e *internacionalizada* de livros voltados à formação docente. Essa internacionalização é confirmada por Toledo (2001), ao verificar que dos 79 volumes publicados pela CAP, entre 1951 e 1981, apenas 15 obras eram de autores brasileiros e as demais obras de autores estrangeiros, sendo possível observar também essa corrente diversificada na BIEPEP.

Nesta perspectiva, na BIEPEP encontravam-se obras do período em que Fernando de Azevedo foi editor, destacando-se a presença de autores considerados como fonte de inspiração da reforma – como Dewey, assim como os agentes da mesma, como o próprio Fernando de Azevedo, Arthur Ramos, entre outros. Cumpre ressaltar a presença da obra do norte-americano Paul Monroe “História da Educação”, publicada a primeira vez pela

CEN em 1939 e reeditada por mais dezessete vezes até 1987, somando a maior tiragem entre os manuais de História da Educação da coleção, totalizando 86.961 livros.

No período em que Damasco Penna estava à frente da CAP, destacam-se na BIEPEP muitas obras internacionais, como as de Lorenzo Luzuriaga, importante educador espanhol que viveu o exílio na Argentina. É o caso da obra “História da Educação e da Pedagogia”, publicada a primeira vez pela CAP em 1955 e reeditada por mais dezesseis vezes até 1987, somando 80.240 livros. Tanto a obra de Monroe quanto a de Luzuriaga, por exemplo, atravessariam o tempo e o espaço, explicando às futuras professoras e professores questões relativas ao passado da escola e da educação, além de subsidiar as aulas dos mestres nos cursos de formação docente, de acordo com os programas oficiais (ROBALLO, 2012). Para além dessas considerações, segundo Toledo (2001), no processo de reformulação da CAP feita por Penna, é possível observar a “catolicização” da Coleção, com a presença de compêndios de divulgação científica que apresentavam conhecimentos desenvolvidos para disciplinas do campo da Educação e que elidiam referência política contida nos textos e autores.

Seja como for, a CAP esteve presente (e ainda está) na BIEPEP, apresentando obras inspiradas pelos debates de 1930, assim como *criando e recriando* um conjunto de obras, autores e saberes desenhados à luz de uma nova cultura pedagógica para a formação de professores. E, por mais que ainda não seja possível identificar seus usos nesta história, pois as pesquisas ainda estão em andamento, decisivamente a coleção contribuiu para a história de leituras para professoras e professores no Paraná.

### Considerações finais

Na história da formação docente no Brasil foram produzidas e comercializadas diferentes obras com a finalidade de suprir as necessidades dos cursos para formação do professorado. Editoras e editores, atentos ao mercado escolar, abriam uma frente de publicação de livros para atender a demanda de um novo grupo de leitores – *professores(as) e alunas(os)* – dos cursos secundários e superiores de formação docente.

Nesse percurso é importante destacar a significativa produção de livros publicados pela CEN que circularam no país a partir de 1930. A princípio sob o olhar de Azevedo, a

CAP tornar-se-ia uma estratégia política de “penetração de determinadas representações do que deveria ser a formação do professorado” (TOLEDO, 2001, p. 207), para em seguida, com Damasco Penna, priorizar a efetividade concedida pela permanência dos manuais nos cursos de formação docente, adentrando a década de 1980. Da mesma forma, mesmo que publicadas de forma independente em diferentes editoras (ou gráficas), as obras produzidas pelos *professores-autores* no Paraná penetrariam os espaços de formação de professores e das escolas, apresentando em seus textos suas experiências educativas e suas trajetórias vividas nas escolas normais.

Na história das leituras para as professoras e professores no Paraná retratadas neste trabalho, prevalece a presença dos livros como artefatos produtores de sentidos para a formação docente. São obras com temas variados, como as da CAP localizadas na BIEPEP, que apresentavam textos sobre: Educação, Psicologia, Pedagogia, Sociologia, Democracia e Escola Nova, Arte, Matemática, História da Educação e da Pedagogia, Educação Comparada, entre outros. E, na Biblioteca Pública do Paraná e BIEPEP, as obras dos *professores-autores* apresentavam temas como: Pedagogia, Ensino Normal e Secundário, Educação, Crianças, Direito à Educação, Problemas da Educação, Mestres, entre outros.

Do exposto, se observa que esses livros, uma vez disponíveis para a circulação em diferentes espaços educativos e sociais, além de guardar em si a história da sua produção e das suas finalidades, apresentavam possibilidades para os seus usos, porque acompanhavam, por meio das suas temáticas, um contexto de mudanças sociais, educacionais, culturais e políticas, e em suas características materiais e estruturais, revelavam narrativas que inter-relacionavam um conjunto de condições ligadas a fatores de ordem educacional e pedagógica e de ordem social e política.

Dos textos à forma impressa – em formato de livro – essas obras integrariam uma literatura pedagógica que ofereceria às suas leitoras e leitores a complementaridade entre dimensões científicas e curriculares, num movimento que passou a legitimá-la para a formação docente. Assim, os livros em sua diversidade de formatos e cores, tornaram-se instrumentos didáticos – *mediadores* – no processo de leitura e de aprendizagem. Logo, são artefatos que exprimem sentidos naqueles que os manuseiam e são uma extensão da memória da formação docente.

## Referências

- BATISTA, Antônio Augusto Gomes. O conceito de “livros didáticos”. In: BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Livros escolares de leitura no Brasil: elementos para uma história**. Campinas: Mercado de Letras, 2009. p. 41-73.
- BRANDALISE, Anna Carolina. **O intelectual Raul Gomes e suas práticas discursivas na imprensa: narrativas sobre educação, arte e cultura no Paraná (1907-1950)**. 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Livro didático e saber escolar (1810-1910)**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Tradução de: Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999a.
- CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Tradução de: Mary del Priori. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999b.
- CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit**. Porto Alegre: ARTMED, 2001.
- COSTA, Maria José Franco Ferreira da (org.). **Lysímaco Ferreira da Costa: a dimensão de um homem: o educador (documentário)**. Curitiba: Imprensa da UFPR, 1987.
- ESCARPIT, Robert. **A revolução do livro**. Tradução de: Maria Inês Rolim. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas: Instituto Nacional do Livro, 1976.
- FERREIRA DA COSTA, Lysímaco. Bases educativas para a organização da nova escola secundária do Paraná. **Revista Mensal Dedicada à Defesa da Instrução no Brasil**. Rio de Janeiro, n. 16, p. 401-432, 1923.
- HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. São Paulo: T. A. Queiroz; Editora da USP, 1985.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.
- MONARCHA, Carlos. **Escola Normal da Praça: o lado noturno das luzes**. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.
- MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da cultura brasileira: 1933-1974: pontos de partida para uma revisão história**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1978.

OLIVEIRA, Maria Cecília Marins de. Organização escolar no início do século XX: o caso do Paraná. Editora da UFPR. **Educar**, Curitiba, n. 18, p. 143-155, 2001.

OLIVEIRA, Maria Cecília Marins de. Políticas públicas e reformas curriculares: as escolas primárias no Paraná na Primeira República. **Revista E-Curriculum**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 01-19, dez./jul. 2006. Disponível em: <http://www.pucsp.br/ecurriculum>. Acesso em: 20 ago. 2022.

OSINSKI, Dulce Regina Baggio; SILVA, João Paulo de Souza. Eny Caldeira e o Ideário Piagetiano na UFPR: A criança e o planejamento urbano (1975-1978). In: VIEIRA, Carlos Eduardo; GONÇALVES, Nádya Gaiofatto (org.). **Setor de educação e curso de pedagogia na Universidade Federal do Paraná (1938-2014): histórias, memórias e desafios contemporâneos**. Curitiba: Editora UFPR, 2016. p. 117-134.

PADIAL, Elyane Mozelli. **As propostas de Lysimaco Ferreira da Costa para a Instrução Pública Paranaense no período de 1920-1928**. 147f. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2008.

RAZZINI, Marcia de Paula Gregorio. Livros e leitura na escola brasileira do século XX. In: STEPNIHANOU, Maria; CAMARA BASTOS, Maria Helena (orgs.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 100-113.

ROBALLO, Roberlayne de Oliveira Borges. **Manuais de história da educação da coleção atualidades pedagógicas (1933-1977): verba volant, scripta manent**. 374f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

ROCHE, Daniel. **História das coisas banais: nascimento do consumo nas sociedades do século XVII ao XIX**. Tradução de Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SILVA, João Paulo de Souza da. **Percorso entre modernidades: trajetória intelectual da educadora Eny Caldeira (1912-1955)**. 192 f. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

SILVA, Vivian Batista da. Os livros das normalistas: os manuais pedagógicos na história da formação dos professores no Brasil (1930-1971). **Quaestio**, Sorocaba, São Paulo, v. 10, n. 1/2, p. 115-132, maio/nov. 2008.

TANURI, Leonor Maria. A historiografia da educação brasileira: uma contribuição para o seu Estado na Década anterior à da instalação dos Cursos de Pós-graduação. In: MONARCA, Carlos. **História da Educação Brasileira: formação do campo**. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2005. p.139-153.



TOLEDO, Maria Rita de Almeida. **Coleção atualidades pedagógicas: do projeto político ao projeto editorial (1931-1981)**. 2001. 324f. 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Curso de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

VIDAL, Diana Gonçalves. Livros por toda parte: o ensino ativo e a racionalização da leitura nos anos 1920 e 1930 no Brasil. In: ABREU, Márcia (org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil; Fapesp, 2000. p. 335-355.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Intelligentsia e intelectuais: sentidos, conceitos e possibilidades para a história intelectual. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 16, p. 63-86, jan./abr. 2008. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38588>. Acesso em: 12 ago. 2022.

Recebido em: 16/12/2021  
Aprovado em: 25/07/2022

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC  
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE  
Revista Linhas  
Volume 23 - Número 53 - Ano 2022  
[revistalinhas@gmail.com](mailto:revistalinhas@gmail.com)